

Políticas Feministas: de onde partimos

bell hooks[2]

Posto de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração e a opressão sexistas. Esta foi a definição que ofereci em *Feminist Theory: from margin to center* há mais de 10 anos. Minha esperança era de que então ela se tornasse uma definição comum que todo mundo usaria. Eu gostava dela porque não significava que os homens eram o inimigo. Denunciar o sexismo como o problema foi direto ao cerne da questão. Praticamente, é uma definição que indica que toda ação e pensamento sexistas são o problema, seja quem for que perpetue isto, mulher ou homem, criança ou adulta. E é também ampla o bastante para incluir um entendimento de sexismo sistemático institucionalizado[3]. Como definição é aberta. A compreensão do que é feminismo implica que a pessoa tem que necessariamente entender o que é sexismo.

Como muitas ativistas a favor de políticas feministas sabem, muitas pessoas não entendem o que é o sexismo, ou se entendem, elas não pensam que seja um problema. Milhares de pessoas pensam que feminismo é sempre e somente sobre mulheres buscando ser iguais a homens. E uma grande maioria dessas pessoas acha que feminismo é anti-homem. O desconhecimento que elas têm sobre políticas feministas reflete a realidade de que muitas delas aprendem sobre feminismo nos meios patriarcais de comunicação de massa. O feminismo de que elas tanto ouvem é protagonizado por mulheres que estão primeiramente comprometidas com a igualdade de gênero – salários iguais para funções iguais, e algumas homens dividindo com as mulheres os cuidados da casa e das crianças. Elas vêem que aquelas mulheres são usualmente brancas e materialmente privilegiadas. Elas sabem, pela imprensa, que a liberação feminina focaliza a liberdade de fazer abortos, de ser lésbica, a reação ao estupro e à violência doméstica. Dentro dessas questões muitas pessoas concordam com a idéia de igualdade entre gêneros no local de trabalho – salários iguais para funções iguais.

Como nossa sociedade continua a ser, antes de tudo, de uma cultura “Cristã”, milhares de pessoas continuam a acreditar que deus ordenou que as mulheres fossem subordinadas aos homens no trabalho doméstico. Mesmo que muitas mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, mesmo que muitas famílias sejam chefiadas por mulheres que são as únicas provedoras, a visão de vida doméstica que continua a dominar o imaginário nacional é uma em que a lógica da dominação masculina está intacta, estando os homens presentes nos lares ou não. A noção distorcida sobre o movimento feminista que o entendeu como anti-homem trouxe consigo a assunção distorcida de que todos os espaços femininos seriam necessariamente ambientes em que o

pensamento patriarcal e sexista estaria ausente. Muitas mulheres, mesmo aquelas envolvidas em políticas feministas, escolheram também acreditar nisto.

Houve, de fato, uma grande porção de sentimento anti-homem entre as ativistas da primeira onda feminista que estavam respondendo com raiva à dominação masculina. Essa raiva ante a injustiça foi o impulso da criação de um movimento de libertação feminina. Nos primórdios do feminismo, muitas das ativistas (a maioria das quais era mulheres brancas) tiveram sua consciência despertada sobre a natureza da dominação masculina quando elas estavam trabalhando em ambientes anti-classista e anti-racista com homens que estavam proclamando a importância da liberdade enquanto subordinavam mulheres em suas categorias. Não importando que fossem mulheres brancas lutando pelo socialismo, mulheres negras lutando pelos direitos civis e libertação negra, ou mulheres indígenas lutando por direitos indígenas, estava claro que os homens queriam liderar, e queriam que as mulheres os seguissem. A participação nessas lutas radicais pela liberdade acordou o espírito de rebelião e resistência das mulheres progressistas e as levou em direção à libertação feminina contemporânea.

Conforme o feminismo contemporâneo progrediu, conforme mulheres foram percebendo que os homens não eram o único grupo na sociedade que sustentava comportamento e pensamento sexistas – percebendo que mulheres podiam ser tão sexistas quanto eles –, o sentimento anti-homem não mais conformou a consciência do movimento. O foco mudou para um esforço geral em criar justiça de gênero. Mas mulheres não poderiam se unir a um outro feminismo sem confrontar nosso pensamento sexista. A sororidade não poderia ser poderosa enquanto as mulheres estivessem competitivamente em guerra umas contra as outras. Visões utópicas de uma sororidade baseada unicamente na consciência da realidade de que todas as mulheres estavam, de alguma maneira, vitimadas pela dominação masculina começaram a ser rompidas por discussões de classe e raça. Discussões sobre diferenças de classe aconteceram cedo no feminismo contemporâneo, precedendo discussões sobre raça. Diana Press publicou em sua coleção de ensaios *Classe e Feminismo* idéias revolucionárias sobre divisão de classe entre mulheres no início dos anos 70. Essas discussões não vulgarizaram a insistência feminista no mote de que “a irmandade é poderosa”, elas simplesmente enfatizaram que só podíamos nos tornar irmãs na luta através da confrontação das maneiras que as mulheres – pelo sexo, classe e raça – dominavam e exploravam outras mulheres, e criaram uma plataforma política que dava lugar a essas diferenças.

Mesmo que mulheres negras individualmente^[4] fossem ativas no movimento feminista contemporâneo desde seus primórdios, elas não foram os sujeitos que se tornaram “estrelas” do movimento, que atraíram a atenção dos meios de comunicação. Muitas vezes mulheres negras individualmente ativas no movimento feminista eram feministas revolucionárias (como muitas brancas lésbicas). Elas já estavam em divergência com feministas reformistas que terminantemente

queriam projetar uma imagem do movimento como sendo somente sobre mulheres ganhando igualdade com homens no sistema existente. Mesmo antes que raça se tornasse uma questão debatida em círculos feministas estava claro para as mulheres negras (e para suas aliadas revolucionárias na luta) que elas nunca teriam igualdade dentro do patriarcado de supremacia branca capitalista existente.

Desde seus movimentos iniciais o movimento feminista estava dividido. Pensadoras reformistas decidiram enfatizar a equiparação de gênero. pensadoras revolucionárias não queriam simplesmente alterar o sistema vigente para que as mulheres ganhassem mais direitos. Nós queríamos transformar esse sistema, trazer um fim ao patriarcado e ao sexismo. Como os meios de comunicação patriarcais não estavam interessados numa visão mais revolucionária ela nunca recebeu atenção na imprensa dominante. A imagem de “liberação feminina” que capturou e ainda conforma o imaginário público era aquela que representava as mulheres desejando o que os homens tinham. E essa foi a imagem mais fácil de realizar. Mudanças na economia nacional, depressão econômica, desemprego e coisas do tipo fizeram o clima oportuno para as pessoas desta nação aceitassem a noção de igualdade de gênero no mercado de trabalho

Dada a realidade do racismo, fazia sentido que os homens brancos estivessem dispostos a considerar os direitos de mulheres quando a garantia de tais direitos pudesse servir aos interesses de manutenção da supremacia branca. Nós não podemos jamais esquecer que mulheres brancas começaram a declarar sua necessidade de liberdade depois dos direitos civis, justamente no momento em que a discriminação racial estava acabando e pessoas negras, especialmente homens negros, poderiam vir a conquistar igualdade com homens brancos no mercado de trabalho. O pensamento do feminismo reformista que enfatizou a equiparação com homens no mercado de trabalho ofuscou as fundações originais de radicalidade do feminismo contemporâneo que clamava por reformas bem como por pela reestruturação total da sociedade para que a nação fosse fundamentalmente anti-sexista.

Muitas mulheres, especialmente brancas privilegiadas, pararam mesmo de considerar as visões feministas revolucionárias uma vez que começaram a ganhar poder econômico dentro da estrutura social existente. Ironicamente, o pensamento feminista revolucionário era mais aceito e acolhido nos círculos acadêmicos. Nesses círculos a produção de teoria feminista revolucionária progrediu, mas ela era freqüentemente inacessível ao público. Ela se tornou e permanece um discurso privilegiado disponível para aquelas entre nós que somos altamente escolarizadas, bem instruídas e usualmente privilegiadas materialmente. Trabalhos como “Feminist Theory: from margin to center“, que oferecem uma visão libertadora da transformação feminista, nunca receberam atenção da imprensa dominante. Milhares de pessoas nunca ouviram falar desse livro. Elas não rejeitaram a mensagem que ele traz: elas nem sabem que mensagem é essa.

Enquanto era interessante para o patriarcado de supremacia branca capitalista dominante apagar o pensamento feminista revolucionário que não era anti-homem nem voltado à garantia do direito de mulheres serem iguais a homens, feministas reformistas também ansiavam por silenciar sua força. Feministas reformistas começaram sua caminhada por mobilidade social. Elas podiam se libertar da dominação masculina no mercado de trabalho e ser mais autônomas em seus estilos de vida. Enquanto o sexismo não acabava, elas podiam maximizar sua liberdade dentro do sistema sexista. E elas poderiam contar com a existência de uma classe social mais baixa de mulheres exploradas para fazer o trabalho sujo que elas se recusavam a fazer. Pela aceitação e mesmo colaboração com a subordinação de mulheres operárias e pobres, elas não só se aliaram ao patriarcado existente e seu sexismo concomitante, mas se deram o direito de levar vidas duplas em que eram iguais aos homens quando no mercado de trabalho, e em casa quando quisessem ser. Se elas fossem lésbicas[5] teriam o privilégio de ser iguais aos homens no mercado de trabalho enquanto usufruíam do poder de classe para criar estilos de vida doméstica em que podiam escolher ter pouco ou nenhum contato com homens.

Feminismo como estilo de vida levou à noção de que poderia haver tantas versões de feminismo quanto houvesse mulheres. De repente, a política foi lentamente removida do feminismo. E a noção imperante foi de que não importa a perspectiva política de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal, ela pode encaixar o feminismo em seu modo de vida. Obviamente tal noção fez o feminismo mais palatável porque traz dentro de si a idéia de que as mulheres podem ser feministas sem questionar e mudar fundamentalmente a si mesmas ou sua cultura. Por exemplo, vamos pegar a questão do aborto. Se o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista, então uma pessoa não pode ser anti-escolha e ser feminista. Uma mulher pode ser veemente em dizer que nunca escolherá por fazer um aborto ao mesmo tempo em que afirma seu apoio ao direito que as mulheres têm de escolher abortar e ainda ser uma ativista de políticas feministas. Ela não pode ser anti-escolha e ser uma ativista feminista. Da mesma forma, não pode haver algo como “feminismo de poder” se a visão de poder evocada é poder conseguido graças à exploração e opressão de outras pessoas.

As políticas feministas estão perdendo terreno porque o movimento feminista perdeu definições claras. Nós temos essas definições. Vamos retomá-las. Vamos compartilhá-las. Vamos começar de novo. vamos fazer camisetas e adesivos de pára-choque e cartões postais e hip-hop, comerciais de televisão e rádio, anúncios em todo lugar e em outdoor, e todo tipo de material impresso que fale para o mundo sobre feminismo. Nós podemos compartilhar a mensagem, simples mas poderosa, de que feminismo é um movimento pela eliminação da opressão sexista. Vamos começar com isto. Deixar o movimento recomeçar.

[1] Tradução livre de Feminist Politics – where we stand, primeiro capítulo de Feminism is for everybody, bell hooks.

[2] bell hooks é uma das autoras feministas negras que mais tem produzido trabalhos, artigos e livros sobre feminismo e educação de uma perspectiva de raça e radicalmente engajada com transformações sociais, culturais, políticas e íntimas.

[3] O patriarcado, como hooks indica na introdução do livro.

[4] no sentido de estarem agindo isoladamente, não organizadas em coletivos de mulheres negras.

[5] hooks usa “se elas escolhessem o lesbianismo” mas esse termo não parece condizente com as demandas de muitos movimentos de homo e transexualidade que preferem “orientação sexual” à “escolha” ou “opção”. Creio que a autora faz, no próprio uso do termo escolhido, uma provável crítica ao lesbianismo como escolha guiada pelo que é mais conveniente, confortável ou mesmo na moda, lesbianismo como comportamento ou estilo de vida. O próprio termo estilo de vida pode ser problematizado quando evoca uma escolha que se faz entre tantas outras porque é mais aceitável socialmente, o que soa um pouco como campanha publicitária de cigarro, e não lembra muito uma opção conscientizada por determinado caminho ou modo de viver.